

Iracema, Lenda do Ceará – 140 Anos ¹

Angela Gutiérrez

Saúdo o Senhor Presidente desta Casa, Escritor Marcos Vilaça e os senhores membros da Academia Brasileira de Letras, o Magnífico Reitor da UFC, Prof. René Teixeira Barreira, a Sra Secretária de Cultura do Estado do Ceará, Dra Cláudia Sousa Leitão, aqui representando o Governador do Estado, Dr. Lúcio Alcântara, o Ex-Reitor da UFC, Prof. Paulo Elpídio de Menezes Neto, o Editor da UFC, Luiz Carlos Falcão Lordelo, o colega Sânzio de Azevedo, autoridades, professores, escritores, artistas e demais convidados.

Nesta noite serena, peço-lhes: permitam que a imaginação alada “voe tão leve”, ao Ceará dos anos 29 do século XIX, durante o Primeiro Império, quando um menino nascia, no sítio Alagadiço Novo, e cresceria, brincando sob mangueiras e cajueiros, sem saber que, um dia, seria lembrado e louvado pelos filhos da nação que ajudou a construir através da literatura.

Se os livros, como nós, têm história, não faltam, na pré-história do romance *Iracema*, episódios tão românticos como o próprio livro. Pensemos nas impressões da natureza selvagem do Brasil que impregnam a imaginação do pequeno Alencar de nove anos, ao deixar a terra natal com a família e emprender a travessia dos sertões até a Bahia, e, depois, ao enfrentar longa viagem por mar para chegar à Corte, aqui na cidade do Rio; imaginemos o menino de 11 anos, vendo e ouvindo a história acontecer em sua casa, na Rua do Conde, pois aí, seu pai, Senador Alencar, reunia o Clube Maiorista que conseguiria alçar ao trono o Príncipe Imperial, fazendo-o monarca aos 14 anos; tentemos reconstruir uma cena costumeira nos serões da casa do Senador: o menino José, o Cazuzu, lendo romances para sua mãe e sua tia que, algumas vezes, choravam e até soluçavam ao ouvir a leitura quase teatral das páginas mais comoventes dos folhetins; recordemos o adolescente tímido que, estudando em São Paulo, escondia seus escritos no fundo do baú, e esforçava-se por ler, em francês, (“arrei-me do dicionário e tropeçando a cada instante”) as obras de Balzac, Alexandre Dumas, Vigny, Chateaubriand e Victor Hugo; lembremos, também, as leituras solitárias do futuro autor de *Iracema* sobre relatos de missionários e viajantes do Brasil Colonial nas bibliotecas dos conventos

¹ Conferência proferida na Academia Brasileira de Letras, no Auditório José de Alencar, em 31 de agosto de 2006.

de Olinda, quando era estudante de Direito (“Uma coisa vaga e indecisa, que devia parecer-se com o primeiro broto d’*O Guarani* ou de *Iracema*, flutuava-me na fantasia”, conta o autor, ao recordar essas leituras); acompanhemos, ainda, a viagem do jovem Alencar ao Ceará, quando recebe, uma vez mais, os influxos da natureza de sua terra de berço.

Tendo publicado *Iracema* por sua própria conta, Alencar, como nos narra em “Como e Por que sou Romancista”, surpreende-se com a entusiasmada acolhida dos leitores que esgotam rapidamente a primeira edição da obra. À época, edições do romance sucedem-se de forma incomum e o país vê-se povoado por crianças batizadas com os nomes dos personagens do romance: Iracema, Martim, Moacir, Poti... o que, aliás, ainda hoje acontece.

O romance, como todos o sabemos, acompanha-se, desde a primeira edição, de prólogo e notas que se ampliam em edições em vida do autor com a Carta ao Dr. Jaguaribe e outras notas.. É preciso salientar que, além da intenção nacionalizante que se percebe no paratexto de *Iracema*, o próprio romance, independente dos textos explicativos do autor, institui-se como texto de fundação, ao propor as origens da pátria através da fusão do pai estrangeiro e da mãe nativa, com a geração do novo ser, Moacir, o primeiro mestiço, filho da dor. O teor poético do livro agrega-se a seu caráter de romance de fundação e o inscreve entre as mais belas obras da literatura brasileira e, ousou dizer, da literatura *tout court*.

Pouco mais de cinquenta anos após a publicação de *Iracema*, em 1928, surge uma edição francesa do romance, pela Librairie Gedalge, de Paris, com tradução de Philéas Lebesgue. Nessa versão, o tradutor, embora desatavie o romance de seus textos complementares, busca respeitar a cadência e o tom poético do livro. Se, algumas vezes, Lebesgue opta por simplificar a linguagem propositadamente arcaizante e poética que Alencar empresta ao texto, como convém a uma narração que se quer lendária, sua versão, em uma visão do todo, é instigante e convincente.

No ano passado, 2005, quando o livro *Iracema* completava 140 anos de publicação, a Universidade Federal do Ceará, através de seu Instituto de Cultura e Arte - ICA (e aqui louvo o apoio que a gestão do Reitor René Barreira vem emprestando à Cultura à Arte, a começar pela criação do próprio Instituto) e de sua Editora, e o Governo do Estado do Ceará, através de sua Secretaria de Cultura/Coordenadoria de Políticas do Livro e do apoio da Lei Estadual de Incentivo à Cultura, uniram-se para a publicação da edição especial *Iracema: Lenda do Ceará – 140 anos*. O primeiro lançamento dessa edição

bilíngüe (português/francês) de *Iracema* aconteceu em dezembro de 2005, na Casa de José de Alencar, no Sítio Alagadiço Novo, onde nasceu o romancista, monumento histórico tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN e pertencente à Universidade Federal do Ceará). Fechemos o parêntese e tornemos ao segundo momento de lançamento de *Iracema* que aconteceu nas comemorações do Ano do Brasil na França, no dia 13, em Lyon, e no dia 16, em Paris, na Maison de l'Amérique Latine, instituição que promove importantes acontecimentos culturais dos povos que compõem a nossa América.

A edição em português e francês e o lançamento especial na França, além de aliam-se aos eventos culturais que marcaram o Ano Brasil, respaldam-se em fato cultural relevante: o romance de Alencar foi escrito no século XIX, quando a língua, a literatura e a cultura francesas exerciam preponderante fascínio sobre a intelectualidade brasileira e, assim, traz marcas significativas das leituras francesas do autor.

A edição bilíngüe, de 344 páginas, organizada por mim e por meu colega Sânzio de Azevedo, renomado pesquisador de Literatura Cearense, ambos do Departamento de Literatura da UFC e da Academia Cearense de Letras, em colaboração com o Editor da UFC, Luiz Carlos Falcão Lordelo, consta de versão revisada do romance no original em português; versão francesa em fac-simile da tradução de Philéas Lebesgue, de 1928; além de textos em português e em francês: do Reitor da UFC, Prof. René Teixeira Barreira, e do Governador do Estado do Ceará, Dr. Lúcio de Gonçalo Alcântara; textos complementares de José de Alencar que acompanhavam as primeiras edições (prólogo, argumento histórico, Carta ao Dr. Jaguaribe, notas explicativas); resenha crítica do romance por Machado de Assis, publicada logo após o lançamento da 1ª edição de *Iracema*; cronologia de José de Alencar; texto introdutório do Prof. Dr. José Aderaldo Castello, Professor Emérito da USP e Doutor Honoris Causa da UFC; e textos críticos dos professores Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez (UFC); Beatriz Alcântara (UECE); Sânzio de Azevedo (UFC); 4 sonetos do poeta Virgílio Maia dedicados a 4 estátuas de Iracema. Ademais, a edição contém ilustrações referentes aos temas do romance: aquarelas de Côca Torquato, xilogravuras de João Pedro, bicos de pena de Glauco e detalhe da tela a óleo *Iracema* de Floriano Teixeira do acervo da Casa de José de Alencar, na capa.

A edição que hoje apresentamos reúne, pois, diferentes modos – críticos e artísticos - de perceber *Iracema*, mas nenhum dos retratos é o definitivo

pois, do romance de Alencar, como clássico da literatura universal, pode-se dizer o que Fernando Savater afirmou sobre *Dom Quixote*: “chamar um livro de clássico implica que seu caso nunca será encerrado e que seu significado sempre permanecerá uma renovada questão”².

Assim, daqui a nove anos, no sesquicentenário de publicação do romance da índia tabajara, espero, estaremos aqui, na Casa de Machado de Assis, anfitrião que em vida respeitou e admirou José de Alencar, tendo profetizado o destino de *Iracema* como obra-prima, estaremos, pois, aqui, descobrindo e revelando novas faces de *Iracema*.

Finalizando, agradeço o apoio do Presidente da Casa, Escritor Marcos Vilaça, do Acadêmico Antonio Carlos Secchin e da Diretora do Setor Cultural, Prof^a Martha Klagsbrum e as honrosas presenças dos senhores e senhoras convidados.

2 Dom Quixote e a morte. *Humboldt*, n.90, ano 47, 2005, p.38. [Publicação do Goethe-Institut]